

NEOCONSERVADORISMO NA ALEMANHA *

Anatoly Frenkin **

Atualidade do Tema

A atualidade do tema reside no fato que os conservadores assumiram nos anos 80 uma posição predominante no Ocidente tanto em relação ao desenvolvimento econômico como em relação à evolução da consciência nacional. Reagan e Bush nos Estados Unidos, Thatcher na Inglaterra, Strauss na Alemanha, já fizeram época sendo que nos anos 90 os neoconservadores ainda conservam o poder; sem dúvida uma experiência significativa.

Procuramos examinar os elementos constitutivos do neoconservadorismo tendo por base a filosofia política alemã.

A base objetiva sobre a qual o neoconservadorismo cresce tem sido a **crise estrutura** da economia mundial que evidencia a insuficiência das reformas precedentes e exige **instrumentos mais radicais**. Todo o restante vem como consequência: esperança de estabilização da sociedade e renovação moral. Desmoronou o otimismo pré-existente de que a civilização científica (Schelsky) teria estabilizado a sociedade por si mesma graças à racionalidade de seu próprio mecanismo sem precisar de uma sustentação moral e de uma legitimidade qualquer. Os filósofos do “velho” conservadorismo esperavam que a “civilização científica” possuísse um seu regulador interno e que não somente a economia mas também as relações sociais e a condição espiritual da sociedade possuíssem um qualquer regulador automático operante ao interno do sistema.

Segundo um dos principais teóricos do neoconservadorismo - G. Rohmoser - é a própria crise da sociedade contemporânea que regenera continuamente o conservadorismo: “de um lado, produz o enfraquecimento das fontes morais da comunidade humana que se registra, mesmo em grau diferente, no Ocidente e no Oriente. Há também, de outro lado, uma crise de “sobrevivência” da civilização técnico-científica. Trata-se de “desafios” históricos de tipo aná-

logos e empurram, os dois, para um novo pensamento conservador”. O novo conservadorismo demonstrou ser mais rico de **capacidade reguladora** tendo conseguido encontrar meios mais eficientes para resolver os problemas sociais e estimular as conquistas individuais, mesmo reconhecendo, ao mesmo tempo, a necessidade de um “nive-lamento social”. O modelo neoconservador se apóia no sistema da “economia mundial de mercado” que tem demonstrado sua eficiência em escala mundial.

Quadro Geral

Os maiores expoentes da filosofia política neoconservadora na Alemanha são O. Marquard, H. Lübbe (corrente liberal), G.P. Stümer, W. Weindenfeldt (“moderados”), K. Hornung, G. Rohmoser, A. Moler, B. Willms, G. K. Kaltenbrunner (conservadorismo de direita e “ortodoxo”). A variedade através da qual o neoconservadorismo alemão se apresenta complica a investigação dirigida a identificar o que existe de **comum** e constitui o essencial do fenômeno neoconservador em seu complexo. O caráter mais geral do neoconservadorismo reside no fato que ele constitui um dos mecanismos de conservação do sistema. A linha de demarcação que diferencia as principais formas político-ideológicas é hoje a do grau de radicalização das várias tendências e dos meios através dos quais este movimento político se vale e está disposto a empregar. A filosofia política do neoconservadorismo se caracteriza, enfim, pela sua disponibilidade a empregar, com relação aos adversários, em casos extremos, meios também radicais.

As idéias centrais da filosofia política do neoconservadorismo alemão são duas: a **subordinação do indivíduo ao Estado** e a **exaltação da comunidade político-espiritual da nação**. A primeira idéia alimenta programas estratégicos orientados para o fortalecimento do poder, a segunda estimula programas de integração. É prevista a consolida-

ção das instituições políticas e uma limitação da democracia, com recurso, em situações críticas, a medidas de exceção contra o “inimigo”.

A diferença entre neoconservadorismo e neoliberalismo não diz respeito absolutamente ao **antiestatalismo**. É verdade que o neoconservadorismo é contrário à intervenção estatal na vida econômica, mas é a favor de uma forte intervenção política. Entretanto, a diferença não reside em uma maior ou menor intervenção estatal. O neoconservadorismo muda o próprio problema da filosofia política: a questão não está mais na liberdade, nos direitos humanos e, em geral, na democracia ou na moral política, como para os liberais. Tudo isso não é essencial para os conservadores: a questão principal é a de uma política **autêntica** que começa com o estabelecimento da prioridade da comunidade sobre o indivíduo. Em primeiro lugar está a situação geral da nação.

Os países civis - diz Kaltenbrunner - entraram na “época do pós-liberalismo” que torna necessário, hoje e para o futuro, o neoconservadorismo: “estou profundamente convencido que os princípios e os institutos liberais que deixaram sua marca em toda a cultura ocidental podem ser assegurados e desenvolvidos conforme às exigências da época somente se forem defendidos pelo liberalismo ‘emancipatório’ transformado em autêntica fúria...” Portanto, é dupla a função espiritual e política do neoconservadorismo: ele é um crítico do liberalismo e, ao mesmo tempo, o herdeiro do liberalismo. Naturalmente, o neoconservadorismo também provém da liberdade de mercado na economia, e nisso não se diferencia em absoluto do liberalismo, mas se insurge contra a

* Traduzido por Giovanni Menegoz de Scienzasocietà (n° 52, janeiro/abril de 1992), publicado em Voprosy Filosofii, 1991, 5.

** Pesquisador do Instituto de Filosofia da Academia Russa de Ciências.

transposição destes princípios no contexto político.

Os neoconservadores "ortodoxos" se opõem ao liberalismo como **filosofia política** e constestam que o sentido profundo e os objetivos últimos do desenvolvimento social possam ser explicados com as categorias do individualismo, da liberdade individual, da democracia, etc. Sentido e objetivos são determinados pelos interesses da **comunidade** (do Estado, da nação) e por outras prioridades políticas. Os neoconservadores acentuam o papel exercido pelas relações de poder e acusam os liberais de absolutizar as regras de mercado transferindo-as à sociedade no seu todo, ignorando a política e a moral.

A vontade da maioria - raciocina Hornung - não pode representar a instância suprema e não deve ser absolutizada porque nos países desenvolvidos a opinião pública é construída artificialmente e manipulada. A ela não pode ser dado muito poder porque também Hitler venceu em 1933 através de formas legais, com a vontade da assim chamada maioria "democrática".

Os conservadores acusam os liberais de explorar os problemas políticos lançando palavras de ordem de caráter puramente declaratório e inviáveis na realidade. Uma liberdade plena de mercado se torna também uma regra social e política que já tem conduzido a sociedade para uma viela sem saída, jogando-a em uma crise: qualquer processo de auto-estabilização e auto-regulação do sistema é ilusório. Segundo Mohler, americanos, ingleses e franceses usam as "idéias comuns" de liberdade e igualdade de forma "puramente retórica", instrumentalmente, dando espaço à escolhas políticas.

A limitação e relatividade da democracia emerge no contexto de situações de exceção que tornam perigosa a inércia e exigem decisões políticas.

Os Males da Alemanha

Os males da Alemanha dependem do fato que o valor normativo atribuído à conceitos como "liberdade", inscritos na lei fundamental, paralisa o elemento principal, isto é, a liberdade através do qual o Estado tome decisões, na medida que esta liberdade comporta disputas sobre a interpretação dos princípios liberais da democracia. Tudo isso é condensado por Mohler em um único bloco político-filosófico: a política suprema do Estado tem direito de adotar medidas radicais no estado de exceção.

Característica é a contraposição da "democracia participativa" à "democra-

cia elitista". A primeira tem sido a expressão da nova cultura política do protesto avançada pelas esquerdas que falaram de "crise de legitimidade" (Habermas). A segunda é defendida pelos neoconservadores que falam eles também de crise, mas a definem como "ingovernável". A ingovernabilidade depende da desobediência dos cidadãos corrompidos pelo liberalismo. Mas a esta ingovernabilidade subjetiva se acrescenta depois uma ingovernabilidade objetiva porque quando o Estado não decide, os conflitos sociais se tornam conflitos políticos. Portanto, para os filósofos do neoconservadorismo, é preciso uma política mais ativa e mais clara. Eles dizem que não recusam as regras do consenso político (liberdade, igualdade, federalismo, Estado de direito) mas que a situação mundial, no plano político e extraeconômico, hoje é de tal forma que exige uma forte centralização política.

A necessidade de uma "democracia orgânica" deriva do fato que a unidade política se torna impossível por causa da complexidade da sociedade contemporânea, por causa de sua composição pluralista e sua multiformidade cultural. De qualquer modo, a unidade não pode ser garantida pela opinião pública, de forma que uma parte considerável das decisões políticas deve ser subtraída à esfera da democracia e remetida ao poder.

A prioridade de um poder forte, portanto, é fundamentada pelo neoconservadorismo alemão sobretudo no fato que somente um poder forte é capaz de buscar o fim supremo da autoafirmação da comunidade (nação, Estado). A essência do político está exatamente na dilatação do poder; o poder é o cimento sem o qual a sociedade se enfraquece, se degrada, se desagrega, rompe as relações entre indivíduo e comunidade. Fortalecer o poder do próprio país, fazer dele uma potência mundial, é considerado o fim supremo e absoluto ao qual os interesses privados e de grupo devem se subordinar. Hornung afirma em seu último livro que a restauração de um poder forte é a chave para resolver não somente os problemas políticos mas o conjunto dos problemas sociais. O mal - diz - está na "perda de consciência histórica": a condenação do nazismo tem sido "excessiva" porque tem levado à **despolítica** da consciência, à eliminação da autoconsciência nacional. O neoconservadorismo é totalmente contrário a substituir a política com a briga pela distribuição dos bens na sociedade. Quando o pensamento político - diz Hornung - se limita à isso, se reduzindo à política in-

terna, econômica e social, ele se enfraquece e se autodestroe. Assim se perde de vista a autoafirmação da comunidade em seu todo e a relação externa com os outros Estados no campo da conflitualidade mundial".

O novo conservadorismo se distingue do velho sobretudo pela sua clara politização e pela sua orientação em direção a uma modificação radical do **status quo**. Uma política autêntica pressupõe a disponibilidade à "situação extraordinária". Os conservadores, deste modo, colocam em primeiro plano as teses de Schmitt segundo as quais "soberano é quem toma decisões no estado de exceção": somente na situação excepcional se revela "a essência da autoridade estatal" enquanto a situação normal é irrelevante. Por fim, o tema do "complot do inimigo" é um dos aspectos principais da psicologia política, como a apresenta a consciência neoconservadora, especialmente a da sua ala direita.

O neoconservadorismo não se limita a afirmar a necessidade de pontecializar o Estado, mas exige a **autonomia do político**, sua independência das normas morais, jurídicas, de valor, apelando para os interesses "superiores" da nação e para a necessidade de vencer o "inimigo", salvar a nação, etc. Em uma situação de crise, as decisões políticas e o próprio emprego de "meios extraordinários" não precisam nem de justificação nem de legitimação: derivam sua legitimidade e validade dos interesses gerais da nação. É este o tema central e mais essencial da filosofia política do neoconservadorismo.

Homem Frágil e Estado Forte

Um traço característico do neoconservadorismo é a sua concentração teórica na antropologia filosófica, dos problemas da religião, da "sociedade de consumo", da tradição e do progresso. Sobre estas bases ele constrói a sua filosofia política. No plano da antropologia filosófica é afirmada a finitude do homem, a aleatoriedade de seu destino e vida que estruturam seu caráter único e irrepitível. A vida do homem - diz O. Marquard - é tão marcada pelo destino e é tão casual e relativa que não pode ser posta em relação com o absoluto.

Poderia se pensar que a recusa do absoluto em política e filosofia admitiria a aceitação do pluralismo e de uma abordagem hermenêutica (motivos de origem liberal). Mas em Marquard estes motivos liberais são subordinados, em última análise, ao quadro teórico neoconservador, considerado intangível e imodificável. A liberdade que ele

se refere limita-se à **liberdade de opinião** e uma prioridade essencial é a **conservação do sistema**, cuja modificação é admitida somente para fins de consolidação. Neste sentido, o neoconservadorismo não é absolutamente antireformista e o próprio antiliberalismo não é absolutamente antireformista e o próprio antiliberalismo do conservadorismo de direita crítica somente os excessos de um liberalismo descomedido. Pelo resto, há alguma interação com o liberalismo, pelo menos no plano da convergência com todos aqueles que na Alemanha são contra as esquerdas que ameaçariam a própria existência do sistema.

Representando a ala liberal do neoconservadorismo alemão, Marquard defende a tolerância com relação à qualquer outra concepção, argumentando que não vale a pena lutar entre si por causa de diferenças ideológicas e religiosas. De todo modo, me parece essencial refletir sobre o fato que Marquard evidencia precisamente aqueles problemas que em nossa consciência coletiva receberam um tratamento inadequado. Em seu ceticismo há uma dose de sabedoria que evita experiências sociais e econômicas apressadas, tendências a destruir sem se preocupar com o "preço" a pagar e as consequências. Estamos acostumados a repetir que para os conservadores o homem não conta, mas as coisas não são bem assim. Para o neoconservadorismo alemão de ascendência liberal e moderada, que se reporta à antropologia filosófica de Gehlen, Plessner, Marquard, Lübke, o homem é principalmente um **ser frágil** que precisa de um Estado forte e também de uma sociedade sólida. Em Marquard, não faltam até motivos humanistas. Na tradição conservadora, a representação do homem como ente natural foi assumida como prova de um biologismo que nega a sociabilidade do homem, ao mesmo tempo que a acentuação da "naturalidade" é, na realidade, uma premissa para garantia de seus direitos "de natureza".

Religião e Política

Com relação à religião, o neoconservadorismo liberal considera que é sobretudo relevante sua capacidade de integração como recipiente "último" de valores para a democracia e a cultura. Lübke considera que a comunidade de destino liga hoje a religião à ciência, na medida que ambas são ameaçadas pelo totalitarismo e suas "superideologias": "Nem a religião nem as instituições que a sustentam ameaçam a liberdade da ciência. A pretensão da posse mono-

polista da verdade procede do totalitarismo e, nesta situação, o interesse comum da religião e da ciência é a existência de uma garantia jurídica da liberdade espiritual". "É preciso ser somente um bom cristão, democrático, qualquer seja o partido ao qual estamos filiados, e conservar com devoção os fundamentos do Estado constitucional liberal": este pensamento de Lübke caracteriza o tipo de consenso desejável para o conservadorismo (destaque meu-A.F.). Fé religiosa e dedicação ao sistema político, aqui, vem a coincidir organicamente. Lübke afirma que a religião conserva uma função antropológica universal porque somente através da religião o homem se relaciona com o inatingível e a raiz de seu destino.

Kaltenbrunner volta sua atenção para um outro importante problema: para a disponibilidade ao sacrifício que para a maioria é considerado um conceito absurdo. Ele descreve: "quando a vida perde o sentido da religiosidade ou de outros valores transcendentes, todo significado da vida se reduz ao terrestre" e isso constitui um perigo gravíssimo porque, então, os homens passam a pensar somente na vida melhor, abandonando qualquer valor. Também a lealdade com relação ao Estado, então, assume características puramente utilitárias e se reporta à pura satisfação das exigências pragmáticas individuais. A lealdade se torna, portanto, hipotética e é o "início do fim": a recusa da religião conduz à recusa da **relação política** e "também a traição deixa de ser vergonhosa".

Na filosofia política do neoconservadorismo há também um outro ponto de vista frisado por Rohrmoser: os problemas filosóficos que estão perante a humanidade tem traço **geral-comum**, sendo próprios da civilização atual, mesmo na diferença de suas formas.

O esgotamento da fé induz o homem - por causa da complexidade da vida - a uma "sobrecarga" espiritual que o torna escravo do curso casual das circunstâncias. Há algo em comum entre quem perdeu a fé em um ideal social e quem abandonou a religião - diz Rohrmoser - e isto representa a perda da esperança e do sentido da vida. Entretanto, ele reflete não sobre a perda da fé em si, mas sobre a influência que ela exerce sobre a política, em uma sociedade cuja condição espiritual mudou por causa da crise ecológica e do "megapoder do progresso técnico-científico". Antes, os homens possuíam sentidos elevados da vida, enquanto que agora, em que os sentidos foram desarraigados, as expectativas humanas se voltam para a política que, para Rohrmoser, assume hoje em função integrativa, no lugar da religião, ao ga-

rantir a auto-afirmação da nação. Quanto mais declina a religião tanto mais ela passa a ser substituída pela política. Mas o problema é que o homem precisa acreditar em toda uma série de **ideais absolutos**, sociais, políticos, morais, que superem a casualidade das circunstâncias individuais da vida.

A Sociedade de Consumo

Um outro ponto de referência filosófica do neoconservadorismo é o da "sociedade de consumo". O neoconservadorismo é sobretudo **uma política** e a recusa à política reduz a problemática do homem à pura problemática social e moral, à social-democracia. A contraposição é clara: o neoconservadorismo se apoia em uma filosofia política; a social-democracia se apoia em uma filosofia social. A alma e o sentido do neoconservadorismo reside em uma **política de segurança interna** e externa e na **autoafirmação da nação**.

A prioridade do político não significa, entretanto, que no neoconservadorismo não haja um elemento social, mas, em sua base, está a promoção das **aquisições individuais**, a promoção da iniciativa privada. A defesa social dos "fracos" limita-se à proteção àqueles que realmente não podem trabalhar. A proteção social mínima não deve ser considerada como uma "liberdade" mas como pressuposto elementar para a realização das liberdades civis. Cada passo em direção à "justiça social", que vise o nivelamento, é um enfraquecimento da liberdade porque a igualdade pode ser conseguida somente em prejuízo da liberdade. Isso vale também para a fixação legislativa do salário mínimo ou da limitação da jornada de trabalho, absurdidades - segundo o pensamento neoconservador - que limitam as relações livres de mercado e violentam a liberdade e o bom senso.

O Estado Social - segundo os neoconservadores - perdeu sua natureza política e se ocupa de coisas completamente estranhas à ele como a atividade econômica ou a "segurança interna". Não tem nenhum sentido político pedir ao Estado que garanta ao cidadão bem-estar social e que elimine da sociedade os fatores de risco. A recusa a prestar o serviço militar - nota Kaltenbrunner - para a esquerda liberal não tem somente um caráter pacifista, mas também o significado de uma recusa à "morrer por este Estado": é um desafio ao próprio sistema político. Quando se exalta a "coragem cívica" de ações contra os representantes oficiais do Estado, no lugar da coragem militar, estamos chegando à desagregação da sociedade.

Kaltenbrunner precisa que o neoconservadorismo não é contra o Estado social enquanto tal, mas contra seu crescimento desmedido e contra as expectativas utópicas ligadas a ele. Com relação à sociedade de consumo ou sociedade das pretensões - defendida pelas esquerdas e os liberais - os neoconservadores, especialmente os de direita, afirmam que ela substitui a idéia do "estado de exceção" e elimina o senso de hostilidade com relação aos **estranhos**, sem o qual não há consciência política. Então, a segurança externa é sacrificada em nome da segurança social interna.

O Preço do Progresso e o Retorno da Elite

O preço do progresso e da liberdade é um outro tema filosófico predileto dos neoconservadores: romper as bases do existente é inadmissível e as conseqüências seriam catastróficas. Apesar disso, eles querem uma profunda reestruturação da economia sem se preocupar com as conseqüências sociais, e pedem que os setores envelhecidos ou não eficazes da economia sejam liquidados mesmo que camadas sociais consistentes tenham que "descer do trem". A ciência política alemã usa justamente o termo **Aussteiger** em um sentido muito amplo para indicar as categorias sociais que, por uma série de causas objetivas e subjetivas, não tem mais um lugar na sociedade. A existência de "fracos" e "fortes" na sociedade é considerada perfeitamente natural, mesmo que não se possa dizer que os neoconservadores são completamente indiferentes com relação aos "fracos".

A orientação para uma "sociedade de consumo" passa a estar ligada, pelo neoconservadorismo, ao "renascimento de elite", isto é, à idéia de expulsar toda negatividade política do próprio conceito da elite. O argumento principal é que favorecer "altos gastos" torna-se necessário para o bem comum, se não, a Alemanha não poderá sustentar a concorrência mundial. E para segurar as posições de vanguarda como país exportador, é preciso um funcionamento livre dos reguladores mercantis. Por quanto paradoxal - diz Kaltenbrunner - "a sociedade é tanto mais progressista (isto é, em grau de fornecer bem-estar, riquezas de oportunidades, pluralismo e criatividade) quanto mais há nela **elementos reacionários**". A compreensão, ou também somente a percepção irracional de um qualquer superior sentido da história confere aos conservadores, que com orgulho se escrevem entre os reacionários incompreendidos e perse-

guidos, o direito de assumir para si a responsabilidade das situações excepcionais porque eles se sentem os salvadores da sociedade do desastre. Mas precisamente isso confere a eles também o direito excepcional de aplicar medidas extraordinárias.

O desenvolvimento da civilização assume, deste modo, um dinamismo crescente - diz Lübke - que nós reagimos aprofundando nossa **consciência histórica**: quanto mais rapidamente envelhece a cultura contemporânea tanto mais se desenvolve em nós a idéia do passado. A consciência histórica - para o neoconservadorismo liberal - é a reação compensativa às tensões espirituais induzidas pelo progresso da civilização. E em segundo lugar, a consciência histórica é conservação da cultura. Principalmente no neoconservadorismo de direita assume, portanto, um lugar eminente a tese segundo a qual os alemães devem adquirir ciência da sua responsabilidade com relação à Europa. A este eterno supremo papel político, eles não devem renunciar, nem por circunstâncias políticas contingentes e tanto menos por causa de seu passado nazista.

Consciência Histórica e Identidade Nacional

A tragédia da Alemanha, para Hornung, reside no fato de que ela, junto com o nazismo, repeliu a "consciência estatal", a ética do dever e a contraposição ao "inimigo". O mal-estar dos alemães reside no fato que em geral não sabem quem são, carecem de identidade (a identificação com o Estado de direito, com os princípios constitucionais, é considerado insuficiente pelos neoconservadores de direita). Por isso - diz Hornung - os alemães recorrem à "tentativas compensatórias", à euforia do crescimento econômico e do consumismo, à "experiências emancipadoras". Mas nestas esferas o indivíduo não encontrará a sua essência. A sua verdadeira identidade - entre um fim superior e a democracia, com seus mecanismos conflitivos e pluralistas, não pode esgotar o problema da autoconservação da Nação e de sua cultura política, mesmo constituindo-se em seu instrumento e forma essencial. O significado da democracia é adquirido somente quando ela se conecta aos interesses da nação.

O nacionalismo, mesmo que não na variante nacional socialista de Willms, hoje está se tornando - com relação à unificação da Alemanha - o terreno de integração do neoconservadorismo. Rohrmoser, um dos analistas mais aten-

tos da atual situação espiritual alemã, nota, a este propósito, que se no passado o neoconservadorismo tinha sido a resposta à transformação do marxismo clássico em uma revolução cultural, o novo nacionalismo e o apelo às religiões históricas é agora a resposta à derrocada da utopia socialista do progresso. Schwarz, que representa a corrente moderada do conservadorismo, motiva a prioridade absoluta da autoconsciência germânica, historicamente própria dos alemães. Não pode ser tolerada nenhuma ofensa a esta consciência. Schwarz se pergunta perplexo porque, até agora, não tenha se manifestado na Alemanha arrependimento por causa dos delitos de uma guerra hoje distante no passado, enquanto que no Japão o dia da capitulação é totalmente ignorado ou é lembrado somente para honrar os mortos na guerra. Não houve uma capitulação política da Alemanha. Houve somente a capitulação da Wehrmacht, não a capitulação do Reich.

Um Programa Político "Superior"

Este é um tema recorrente da filosofia política do neoconservadorismo: do seu ponto de vista, a guerra e o próprio nazismo foram somente variações no processo de realização de um programa político superior. O fracasso daquelas tentativas é interpretado como a prova que os meios não foram adequados ao mesmo tempo que o fim supremo não pode ser colocado em dúvida. Firme deve permanecer o propósito de um programa político-filosófico de caráter estratégico, com relação o qual tanto o nazismo como a segunda guerra mundial são somente circunstâncias técnicas, que falharam por causa de fatores subjetivos e de condições objetivas desfavoráveis. Trata-se portanto de reexaminar como devia-se perseguir o fim, não a natureza do fim, do qual depende a autoafirmação da Alemanha, a proeminência de sua condição, a sua influência no mundo.

Muito importante para o neoconservadorismo é a teoria segundo a qual o nazismo foi somente um ato do "drama da Europa" da "Guerra dos trinta anos do século XX" (1914-45), durante o qual amadureceu, por causa externas, o destino dos alemães sem que isso fosse o resultado de suas vontades. Hornung, que não pertence absolutamente à corrente extremista do neoconservadorismo, afirma em seu último livro intitulado **Origem e futuro** que o sec. XX deve ser considerado, pela sua conexão interna, como uma "época revolucioná-

ria" que desagerou no totalitarismo, com as suas teorias coletivizadas da emancipação e com as suas ideologias nihilistas contrapostas à democracia liberal.

A atitude dos neoconservadores alemães, liberais inclusive, com relação ao fascismo é contraditória. De um lado, eles querem se separar do fascismo. De outro, parecem tolerantes tanto em relação à propaganda fascista como a sua legitimação em força - dizem - das suas convicções democráticas. O resultado, me parece, é uma situação paradoxal: o fascismo não é banido por "considerações de ordem democrático"; trata-se de condená-lo moralmente sem vetá-lo, porque tanto a propaganda como a legitimação do fascismo constituem o "documento" de uma autêntica liberdade e democracia.

Schwarz pôs em relevo que as tendências profundas do desenvolvimento político mundial devem ser analisadas com o emprego da categoria do **pode**; enquanto o "caso do poder dos Estados Unidos" apresenta um efeito evolutivo com conseqüências controláveis, o "acaso do poder soviético"

amedronta o filósofo neoconservador pela imprevisibilidade do processo e de suas conseqüências. E a imprevisibilidade é fonte de uma instabilidade que põe em questão aquela segurança externa que é fator primário da consciência neoconservadora, para a qual, "em caso extremo", todo o resto deve ser sacrificado.

A União Soviética permanece para os alemães, ainda hoje, um outro mundo ainda enigmático e terrível, mesmo que um pouco menos do que antes. Para onde vai e como terminarão as reformas permanece para eles indeterminado. Preocupada principalmente com sua própria segurança, a maioria dos alemães está interessada na instabilidade geral da situação na União Soviética. Isso é essencial. As correntes liberais e tecnocráticas visam reduzir, eliminar o risco da imprevisibilidade intensificando as relações econômicas, convencidas que uma forte potência soviética democrática seria uma garantia para os alemães. Oriente e Ocidente deveriam se convencer da prioridade do interesse comum da humanidade de salvar a civilização da ameaça nuclear e de ou-

tros perigos, e deveriam excluir de seu próprio programa político a contraposição entre um sistema e outro.

Bibliografia

1. Hornung, K. Herkunft und Zukunft, Asendorf 1989
2. Kaltenbrunner G.K. Wege der Weltewahrung, Asendorf 1985
3. Kaltenbrunner G.K. Kroise der politischen Tundegen, in Handbuch zur Deutschen Nation, Tübingen, 1987
4. Lübke H. Religion nach der Aufklärung, Graz-Wien Köln 1986
5. Marquard A. Abschied vom Prinzipiellen, Stuttgart 1987
6. Mohler A. Im Dichticht der Vergangenheitsbewältigung in Handbuch zur Deutschen Nation, Tübingen 1987
7. Rohrmoser G. Was bedeutet heute konservativ? in Criticon, 1989, nov.dec.
8. Rohrmoser, G. Religion und Politik in der Krise der Moderne, Graz 1989
9. Schwarz H.P. Das deutsche Selbstbewusstsein, in Das Wort zur deutschen Zukunft, Stuttgart 1989